

# O temor leva os sindicatos a atuarem com mais moderação

## ROSA MARIA

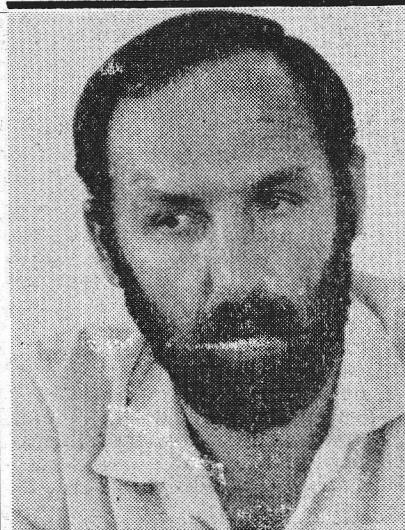
O medo da recessão começa a pesar sobre o movimento sindical, impondo moderação, ao invés de greves, e a desmobilização das categorias, preocupadas em não aumentar o número de 1,7 milhão de desempregados, apontado pelo IBGE. Na prática há redução das greves do setor privado, principalmente na indústria, cujas paralisações caíram de 141 em fevereiro, para 109 em março, fechando o mês de abril com apenas 72 greves.

Só em São Paulo, o departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) mostra o desemprego de 7,6% dos trabalhadores em fevereiro, aumentando para 8,5% em março e crescendo em abril para 8,9%, representando uma massa de desempregados de cerca de 700 mil pessoas. Os primeiros sinais da recessão no ABC estão na demissão de 70 mil trabalhadores, atingindo diretamente 43% do setor de serviços, segundo o Instituto de Pesquisa de São Caetano do Sul, vinculado ao Instituto Municipal de Ensino Superior (IMES).

Reflete, ainda, na decisão dos 800 mil bancários da rede privada em suspender a greve marcada para maio, embora tenham retornado da paralisação de nove dias, no final de março, sem nenhuma das reivindicações atendidas. E no prosseguimento do trabalho dos 38 mil bancários, que preferiram aceitar a proposta da direção da Caixa Econômica Federal, sem se exporem a demissões.

Entre os 15 milhões de trabalhadores sindicalizados, de um total de 50.098 da população economicamente ativa, persistem as dúvidas quanto à reação para o momento. Há os

que defendem pressões "bem conduzidas" por melhores condições de trabalho, e a grande maioria voltada à manutenção dos empregos. Fortalecida pela decisão dos sindicatos dos metalúrgicos do ABC e de outras cidades do interior de São Paulo que, pela primeira vez, em três anos, assinaram acordo com o Grupo 14 da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), sem recorrer à



Meneguelli: luz será acesa?

greve, a segunda alternativa passa a ocupar mais espaço. É através dela que as entidades se orientarão nos dissídios. Para Jair Meneguelli, presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), não havia outra alternativa: "Os trabalhadores estão com medo da recessão, esperada com os atuais níveis de inflação e preferiram não precipitar um desem-

prego, que está latente na indústria". Meneguelli elogiou o grau de maturidade dos metalúrgicos, diante da situação; e lembrou que as indústrias automobilísticas estão trabalhando com uma ociosidade de 40%, "aguardando uma luz no fim do túnel, que não sabemos se será acesa", comparou.

Menos pessimista, o secretário de Relações de Trabalho do Ministério do Trabalho, Plínio Sarti, entende que os efeitos imediatos da recessão se limitam, à perda de salário do trabalhador, sem maiores danos aos sindicatos. Ao contrário, acredita que as entidades ganham em organização, no aumento de sindicalização e no comprometimento de pessoas ligadas à questão. Ele lembrou que o fortalecimento dos trabalhadores rurais como entidade se deu em plena crise, quando os canavieiros de Guariba reagiram contra as piores condições de trabalho, nos anos de 1983 e 1984.

De opinião totalmente contrária, o presidente nacional do Partido dos Trabalhadores, Luiz Ignácio Lula da Silva, considera que Sarti "deve estar louco" em enxergar aspectos positivos para o sindicalismo dentro de uma recessão. Ele argumenta que não existe nenhum precedente que justifique a afirmação e que, diante da recessão que "já tomou conta do País", todas as forças sindicais são desviadas para a manutenção dos empregos. Também se vale da pressão negativa imposta pela recessão de 1981 para justificar seus pontos de vista. "As lutas refiaram, na medida em que nem os próprios dirigentes sindicais tinham interesse em levar a classe trabalhadora para luta, num momento político tão adverso."

(Brasília Agência Estado)